

A COMPOSIÇÃO DA ESTRUTURA PRODUTIVA AGRÍCOLA DA AGRICULTURA FAMILIAR BRASILEIRA NO ANO DE 2017: O CAMINHO DA COMODITIZAÇÃO?

Murilo José de Souza Pires

Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dirur/Ipea).

E-mail: murilo.pires@ipea.gov.br.

DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td3067-port>

As transformações na estrutura agrícola nacional ganharam impulsos com a Revolução Verde, que introduziu inovações físico-químicas, mecânicas e biológicas no meio da agropecuária nacional. Sendo assim, ganhos de produtividade e produção foram verificados no contexto da agricultura nacional. Contudo, essas metamorfoses na estrutura de produção da agropecuária nacional não aconteceram de forma homogênea, no tempo e no espaço, entre os agricultores nacionais.

Desse modo, a difusão do progresso técnico se cristalizou de forma assimétrica entre eles de tal maneira que uns avançaram no processo de integração aos mercados regionais, nacionais e globalizados, e outros permaneceram arraigados em estruturas produtivas tradicionais e de subsistência. Esta foi a forma que o modelo de desenvolvimento rural brasileiro ganhou expressão no país, principalmente por ser conduzido em uma estrutura fundiária marcada pela concentração em médias e grandes propriedades rurais, como destacou Szmrecsányi (1986).¹

Assim, parte da estrutura produtiva da agropecuária nacional e regional avançou pelos trilhos da modernização conservadora,² enquanto outra parte permaneceu enraizada na economia tradicional e na subsistência. Isso reforça a característica central de uma economia periférica, como a brasileira, que é marcada pelo subdesenvolvimento, como destacado por Furtado (1964). A partir dos anos 1990, esses impulsos modernizantes aceleraram-se no contexto da *doutrina do choque*,³ promovida pelo *Consenso de Washington*.

Portanto, os avanços na modernização da agropecuária, que antes de 1990 eram induzidos principalmente pelas forças do Estado, deslocaram-se para o mercado, conforme destacado por Polanyi (2021).⁴ Dessa forma, as forças do mercado, ao amalgamarem a sociedade, condicionaram o desenvolvimento econômico das regiões aos limites estabelecidos pela lógica da acumulação ampliada do capital.

1. Para Szmrecsányi (1986, p. 174), “ainda mais chocante do que extrema concentração da estrutura fundiária do país tem sido a sua permanência, e até sua intensificação, através do tempo. Isto é algo que se deu não apenas no Brasil como um todo, mas também com relação a numerosos Estados”.

2. Para mais detalhes, ver Pires (2008).

3. Para mais detalhes, ver Klein (2008). Para o autor, quando se abre uma janela de oportunidades, em particular depois de algum desastre natural, uma guerra ou um forte problema econômico, o qual desorienta por completo uma sociedade, abre-se uma oportunidade para introduzir nessa economia as ideias do neoliberalismo na forma de uma terapia de choque econômico.

4. Para Polanyi (2021, p. 116), a subjugação do estado pelo mercado foi “de enorme importância para toda a organização da sociedade: significa nada menos que transformar a sociedade em um anexo do mercado”.

Nesse contexto, o capital financeiro estabeleceu suas raízes nos sistemas produtivos e condicionou a forma dos processos de produção, especialmente nos setores relacionados à agropecuária regional e nacional. É nessa lógica de funcionamento que a *agricultura científica globalizada* ganhou expressão e força, condicionando, assim, os modelos de desenvolvimento rural das economias locais. Desse modo, as produções dos diversos mercados regionais estão conectadas aos mercados globalizados, fato este que impulsionou as demandas dos agentes econômicos locais, transformando então suas formas de produção e suas estruturas produtivas.⁵

Nesse sentido, Silva, Santos e Vian (2023)⁶ e Pires (2024)⁷ destacaram que o papel da agricultura familiar no processo de desenvolvimento rural brasileiro nas últimas décadas vem sofrendo alterações, sobretudo pela incorporação dos pacotes tecnológicos; os financiamentos para os produtores rurais; e a integração às cadeias de valor regional, nacional e globalizadas. Assim, esta investigação, seguindo as pistas de Pires (2023b; 2023c; 2024), indaga: como se caracterizaram as estruturas agrícolas da agricultura familiar brasileira, em suas formas multiescalares, quanto aos seus aspectos de localização e especialização?

Para tanto, a hipótese adotada neste estudo destaca que a agricultura familiar, no contexto de *comoditização* do espaço agrícola nacional e regional, como apontado em Pires (2023a; 2023b; 2024), também está experienciando uma especialização produtiva. Os produtos que estão ganhando expressão em seus sistemas produtivos são aqueles relacionados com o processo de *comoditização* agrícola, quer dizer, que estão

relacionados com as demandas dos mercados internacionais e, com isso, acabam restringindo a produção agrícola para o mercado interno, comprometendo, por conseguinte, a questão da segurança alimentar e nutricional e pressionando o aumento dos preços internos.

Para isso, observa-se que o padrão da estrutura da produção, ou seja, a composição dos produtos municipais da agricultura familiar nacional, no ano de 2017, apresentou uma semelhança com o padrão da agricultura nacional: uma especialização regressiva em culturas voltadas para exportação, isto é, *commodities* agrícolas.

No caso das quatro principais culturas produzidas pela agricultura familiar no ano de 2017 – soja, milho, café e fumo (tabaco) –, que são *commodities* agrícolas, elas responderam por quase 65% do valor bruto da produção agrícola (VBPA) da agricultura familiar. Se adicionada a mandioca, que é uma cultura típica de mercado interno, esse valor aproxima-se de 72% do VBPA da agricultura familiar. Em outras palavras, dos 41 produtos produzidos pela agricultura familiar em 2017, os quatro produtos principais, que são *commodities* agrícolas, concentraram uma parcela expressiva da produção da agricultura familiar nacional.

Quiçá, o comportamento dos preços das *commodities* agrícolas no mercado internacional esteja influenciando os agricultores familiares brasileiros em suas decisões de produção, em especial em um momento de forte crescimento da demanda internacional, particularmente impulsionada pela China, que precisa atender ao seu mercado interno com proteínas vegetais e aos elos de suas cadeias produtivas agroindustriais.

5. Para o caso da região Centro-Oeste, ver Pires (2023a).

6. Para Silva, Santos e Vian (2023, p. 19), “há um amplo debate acerca das formas de reprodução desse segmento de agricultores, desde a adesão a padrões dominantes de incorporação de tecnologias, especialização e inserção em mercados de *commodities* até a diversidade de atividades e funções exercidas pelo agricultor familiar no meio rural”.

7. Para Pires (2024, p. 45), “por sua vez, a agricultura familiar da região Centro-Oeste ao se tornar grande produtora de *commodities* agrícolas, soja e milho, desloca parcela importante da sua produção agrícola para atender as demandas provenientes, em especial, do bloco econômico da China, Hong Kong e Macau, uma vez que seu espaço agrícola, com estas *commodities*, é penetrado de forma dispersa e, com isto, alcançando muitos municípios produtores de soja e milho”.

Em termos de distribuição dessas culturas pelo espaço da agricultura familiar nacional, observa-se que a cultura da soja apresentou uma dispersão significativa no eixo de expansão da modernização da agricultura nacional. Esse eixo atravessa a região Sul do Brasil e se estende por áreas da região Centro-Oeste e Norte. No caso da cultura do milho, constata-se maior grau de dispersão quando comparada com a cultura da soja.

Em relação à cultura do café, nota-se que a área de produção significativa foi mais concentrada em relação às culturas da soja e do milho. No entanto, é importante ressaltar que a cultura do fumo (tabaco) foi aquela que apresentou a área de produção significativa mais concentrada *vis-à-vis* as demais culturas, especialmente na região Sul brasileira. Por fim, a cultura da mandioca, que é tipicamente destinada para abastecer o mercado interno, apresentou uma produção significativa com maior dispersão entre os municípios nacionais, quando comparada com a cultura da soja e do milho.

À vista disso, observa-se que a composição da produção da agricultura familiar brasileira vem apresentando semelhanças com aquela verificada para a agricultura nacional. Uma vez que há sinais claros de especialização produtiva em produtos relacionados com *commodities* agrícolas, torna-se, então, evidente que a agricultura familiar também está se voltando para esses produtos. Nesse sentido, há uma redução da produção de culturas relacionadas com o mercado interno, exclusiva a mandioca. Essa mudança pode afetar a política de segurança alimentar e nutricional brasileira no porvir, bem como impactar negativamente os preços dos alimentos no país.

REFERÊNCIAS

FURTADO, C. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.

KLEIN, N. **A doutrina do choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

PIRES, M. J. de S. **As implicações do processo de modernização conservadora na estrutura e nas atividades agropecuárias da região centro-sul de Goiás**. 2008. 146 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

PIRES, M. J. de S. **Alcances, limites e contradições nos termos de troca entre as economias do Centro-Oeste brasileiro e seus parceiros comerciais**: o caso do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau. Brasília: Ipea, set. 2023a. (Texto para Discussão, n. 2913). Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/12354/1/TD_2913_Web.pdf.

PIRES, M. J. de S. **Características das estruturas produtivas agrícolas regionais brasileiras entre 1995 e 2021**. Rio de Janeiro: Ipea, set. 2023b. (Texto para Discussão, n. 2914). Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/12355/1/TD_2914_web.pdf.

PIRES, M. J. de S. **Singularidades das estruturas agrícola da região Centro-Oeste entre os anos de 1995 e 2021**: um olhar por intermédio dos indicadores regionais de localização e especialização. Brasília: Ipea, dez. 2023c. (Texto para Discussão, n. 2949).

PIRES, M. J. de S. **Características das estruturas produtivas agrícolas regionais brasileiras entre os anos de 1995 e 2021**. Rio de Janeiro: Ipea, 2024. No prelo.

POLANYI, K. **A grande transformação**: as origens políticas e econômicas de nossa época. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021.

SILVA, R. P. da; SANTOS, G. R. dos; VIAN, C. E. de F. Agricultura familiar: perda de mercados e sinais de mudanças na pauta produtiva. **Radar: tecnologia, produção e comércio exterior**, Brasília, n. 73, p. 19-24, ago. 2023. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/12343/7/Radar_73_Art3_Agricultura_familiar.pdf.

SUMEX

SZMRECSÁNYI, T. O desenvolvimento da produção agropecuária (1930-1970). *In*: FAUSTO, B. (Org.). **O Brasil republicano**: economia e cultura (1930-1964). 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1986. v. 4.